

Reflexão crítica individual

Ao longo de cerca de um mês e meio, com início a 24 de novembro de 2025 e término a 7 de janeiro de 2026, participei ativamente na formação “Literatura, para que te quero? – Módulo para o 3.º Ciclo do Ensino Básico”, promovida pela Associação de Professores de Português (APP). Realizou-se em regime de ensino e aprendizagem a distância, através das plataformas Zoom e Moodle, e contou com a intervenção dos formadores Carla Marques, Filomena Viegas, Luís Redes e Noémia Jorge.

A decisão de me inscrever nesta formação prendeu-se com várias razões, destacando-se, em primeiro lugar, o facto de ter iniciado o meu percurso enquanto docente há apenas dois anos, período durante o qual lecionei exclusivamente no 3.º ciclo do Ensino Básico. Acresce ainda o facto de ter sido bolseira de investigação durante dois anos na área da linguística, o que contribuiu para uma especialização mais evidente no domínio da gramática, apesar de sempre ter nutrido um grande interesse e gosto pela literatura. A formação “Literatura, para que te quero?” surgiu como forma de colmatar uma área de conhecimentos didáticos que considerava estar menos desenvolvida, mas que sempre me apaixonou. Percebi ainda, pelos objetivos e conteúdos enunciados, que a abordagem adotada não excluía o trabalho linguístico da leitura literária, devido ao meu perfil e à minha visão integradora dos domínios da disciplina de Português, se revelou particularmente apelativo.

A formação estruturou-se em quatro sessões, cada uma delas dinamizada por formadores diferentes, com a exceção da primeira e da última sessão, ambas da responsabilidade de Luís Filipe Redes. Todas as sessões se dividiram entre uma parte de exposição teórica, ancorada em referenciais científicos relevantes no domínio da linguística textual, da teoria literária e da didática do Português, e um momento prático em grupos. A vertente oficial da ação de formação permitiu a partilha de experiências entre colegas e a construção conjunta de saberes. Como ponto menos positivo, destaco o facto de ter havido alterações aos grupos ao longo das sessões, consequência, julgo, da desistência de alguns formandos. Embora o contacto com colegas diferentes seja sempre enriquecedor, considero que, neste caso, a manutenção dos mesmos grupos poderia ter

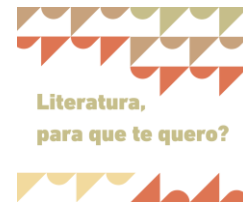


favorecido um trabalho mais aprofundado, atendendo ao tempo limitado disponível para a realização das atividades propostas.

As implicações pedagógicas e didáticas das várias sessões são evidentes, uma vez que tive oportunidade de adquirir conhecimentos e de refletir sobre os mesmos, bem como sobre as práticas de outros colegas. A primeira sessão foi, para mim, especialmente significativa, por ir ao encontro de uma inquietação recorrente na minha prática letiva: a (des)adequação de certos textos literários à faixa etária e aos interesses dos alunos. Sinto especialmente aflição a lecionar 9.º ano, uma vez que a conjugação de obras como o *Auto da Barca do Inferno* e *Os Lusíadas* com a pressão associada à prova de final de ciclo reduzi significativamente as oportunidades de selecionar textos que considere verdadeiramente adequados às especificidades de cada turma. Até a desejável articulação interdisciplinar com História se revela complicada, uma vez que a expansão marítima não faz parte dos conteúdos abordados na disciplina no 9.º ano. Não descurando a inegável qualidade literária dos textos estudados, penso que há razões para refletir sobre se faz sentido dedicar um ano, na aula de língua materna, a obras que não estão escritas numa variedade acessível aos alunos. Neste âmbito, os conceitos de *window* e *mirror* tê-se revelado muito úteis para repensar estas questões.

Destaco ainda a sessão sobre a marcação da subjetividade no texto. Leitora assumidamente apaixonada de Maria Judite de Carvalho, muito me agradou ter a oportunidade de ler e refletir de uma perspetiva pedagógica sobre uma crónica que até então me era desconhecida. A sessão permitiu-me também tomar consciência da presença de subjetividade em textos normalmente considerados objetivos, e refletir sobre a importância de transmiti-la aos alunos. Esta consciencialização é talvez uma das competências mais importantes para alunos que passam grande parte do seu tempo em redes sociais e que se deparam constantemente com *fake news* que não sabem avaliar adequadamente.

Em suma, a ação de formação revelou-se muito positiva, quer pela qualidade dos formadores, quer pela importância dos conteúdos abordados. A articulação equilibrada entre teoria e prática, o ambiente colaborativo criado e as sugestões bibliográficas contribuíram para aprendizagens significativas e transferíveis não só para a minha prática



enquanto docente, mas também para alimentar a reflexão permanente de qualquer docente que tem gosto por aquilo que faz e pela disciplina que ensina.

Catarina Flor Duarte Rosa

29 de janeiro de 2026